

COMPREENSÕES SOBRE A EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL EM ARTIGOS DE UM EVENTO DA ÁREA DA EDUCAÇÃO

Josiana Jesus da Silva  0000-0002-4708-8164
Dr. Fábio Ricardo Mizuno Lemos  0000-0001-6512-5056
Instituto Federal de São Paulo

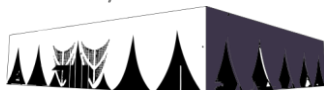
RESUMO: O presente artigo teve como objetivo compreender o que é a educação não-formal e o que vem sendo discutido sobre a temática em evento da área da educação. Para tanto fizemos uma análise dos trabalhos publicados nos anais do Congresso Nacional de Educação (CONEDU), utilizando a metodologia da Análise de Conteúdo. A partir das etapas da pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados foram levantadas três categorias: 1- Campos de atuação; 2- Espaços de ensino não-formais; e 3- Formação de professores. Em síntese, foi possível compreender que a educação não-formal foi associada à atuação do pedagogo, o que permite a ampliação da atuação a diversos campos além da escola, tais como: empresarial, hospitalar e social; pode ocorrer em espaços não formais, como em passeios em locais históricos, museus, visitas em bibliotecas e; por fim, que a formação continuada é fundamental para a valorização de espaços e práticas não-formais de ensino.

PALAVRAS-CHAVE: Educação não-formal; Campos de atuação; Espaços não-formais de ensino; Formação de professores.

UNDERSTANDINGS ABOUT NON-FORMAL EDUCATION IN ARTICLES OF AN EDUCATION AREA EVENT

ABSTRACT: This article aimed to understand what non-formal education is and what has been discussed on the subject in an event in the area of education. Therefore, we analyzed the works published in the annals of the National Congress of Education (CONEDU), using the methodology of Content Analysis. From the stages of pre-analysis, material exploration and treatment of results, three categories were raised: 1- Fields of action; 2- Non-formal teaching spaces; and 3- Teacher education. In summary, it was possible to understand that non-formal education: was associated with the role of the pedagogue, which allows the expansion of performance to different fields beyond the school, such as: business, hospital and social; it can occur in non-formal spaces, such as tours of historic sites, museums, visits to libraries; continuing education is essential for valuing non-formal teaching spaces and practices.

KEYWORDS: Non-formal education; Fields of action; Non-formal teaching spaces; Teacher education.



1 INTRODUÇÃO

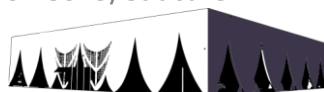
A educação de modo geral busca preparar o ser humano para o desenvolvimento de suas atividades no percurso de sua vida. Segundo Libâneo (1994) a ação educativa exerce influência sobre os indivíduos,

Em sentido amplo, a educação compreende os processos formativos que ocorrem no meio social, nos quais os indivíduos estão envolvidos de modo necessário é inevitável pelo simples fato de existirem socialmente; neste sentido, a prática educativa existe numa grande variedade de instituições e atividades sociais decorrentes da organização econômica, política e legal de uma sociedade, da religião, dos costumes, das formas de convivência humana (LIBÂNEO, 1994, p. 17).

De modo específico a educação pode ocorrer em ambientes próprios escolares ou não. No texto “Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas na escola”, a autora Maria da Glória Gohn demarca os campos de desenvolvimento da educação – a educação formal, a informal e a não-formal.

Segundo Gohn (2006) a educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados, seguindo leis, currículos, divisões por faixa etária, níveis de conhecimentos etc., cujo agente no processo de construção do saber é o professor, sucedendo em espaços institucionais regulamentados por leis e diretrizes, no qual o objetivo é o ensino aprendizagem de conteúdos sistematizados historicamente, desenvolvendo habilidades, competências, criatividade, etc., em tempo, local e pessoal especializado, com organização curricular, sistematização, disciplinas, regulamentos, órgãos superiores e classe de conhecimento. Na educação formal é esperado que haja uma aprendizagem efetiva, por parte do aluno, o que podemos ver que nem sempre acontece, além da certificação e titulação que capacitam os indivíduos a seguir para graus mais avançados.

A educação informal, de acordo com Gohn (2006), é aquela em que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização, com os pais, a família

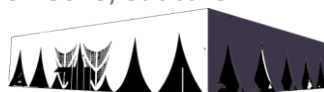


em geral, com os meios de comunicação em massa. Em espaços determinados por referências de nacionalidade, localidade, idade, sexo, religião, etnia, etc., ocorrendo em ambientes espontâneos nas relações com família e sociedade. Na educação informal os conhecimentos não são sistematizados, são conhecimentos repassados a partir da prática e experiência “de pai para filho”, atuando principalmente no campo das emoções e sentimentos, cujos resultados acontecem a partir do desenvolvimento do senso comum nos indivíduos, orientando na forma de pensar e agir.

A educação não-formal, que é o foco do nosso artigo, “[...] é aquela que se aprende no “mundo da vida” com “o outro”, por meio de processos de compartilhamento de experiências” (GOHN, 2006, p. 28). Os espaços de compartilhamentos de experiências são de ações coletivas em locais informais, no qual há processos de interação intencional, ocorrendo em ambientes construídos coletivamente seguindo regimentos dos grupos, a participação é optativa, podendo ocorrer a partir das vivências de cada grupo.

“Há na educação não-formal uma intencionalidade na ação e no ato de participar, de aprender e de transmitir ou trocar saberes” (GOHN, 2006, p. 29) e o objetivo é abrir caminhos de conhecimento através das relações sociais entre os indivíduos. É um processo interativo gerando um processo educativo, de acordo com os interesses e necessidades do grupo, baseadas em princípios como igualdade, justiça social, fortalecendo o exercício da cidadania, transmissão de informação, formação política, cultural, social etc. (GOHN, 2006).

A educação não-formal age de maneira ampla, não é organizada por séries, faixa etária ou conteúdos, como a educação formal, ela atua sobre aspectos subjetivos do grupo na sua formação cultural e política, desenvolvendo laços de pertencimento. A educação não-formal pode nos trazer uma série de resultados tais como nos aponta Gohn (2006): consciência e organização de como agir em grupos coletivos; construção e reconstrução de concepções de mundo e sobre mundo; construção de identidade a determinadas comunidades; formação do indivíduo



para as adversidades, valorização de si do outro; capacitação para o mercado de trabalho. E, a partir destes resultados, “[...] os indivíduos adquirem conhecimento de sua própria prática, os indivíduos aprendem a ler e interpretar o mundo que os cerca” (GOHN, 2006, p. 31).

O processo educacional do ser humano envolve diversas formas de desenvolvimento e aprendizagem e a educação não-formal tem potencial de proporcionar liberdade para ensinar e aprender, possibilitando que o indivíduo se desenvolva em diferentes questões. O intuito é pensar que a escola não é o único local de aprendizado, é preciso identificar e valorizar outros espaços e as múltiplas formas de aprender e ensinar, no sentido que, vivemos em constante aprendizado, é necessário pensar na educação não-formal e nas possibilidades que ela nos traz na construção de conhecimento, e na aprendizagem de forma prática.

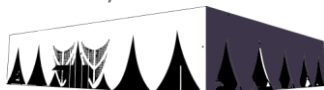
Visando ampliar a compreensão sobre a educação não-formal, o presente artigo teve como objetivo analisar o que está sendo discutido sobre a temática em publicações de um evento da área da educação.

2 METODOLOGIA

A definição pela análise de trabalhos publicados nos anais do Congresso Nacional de Educação (CONEDU) ocorreu, principalmente, pela disponibilidade dos anais de todas as edições do evento e por se tratar de um congresso de abrangência nacional. Vale ressaltar que outros eventos foram excluídos da análise pela dificuldade ou indisponibilidade de localização e acesso aos anais.

O CONEDU acontece anualmente desde 2014, tendo como objetivo:

[...] promover ações de caráter inovador e tecnológico incentivando a produção acadêmica para a melhoria da qualidade da educação básica e superior no Brasil. O evento oportuniza discussões que valorizam as práticas de profissionais da Educação aproximando, cada vez mais, a universidade da escola de educação básica para a produção de conhecimentos e demandas formativas (CONEDU, 2014, s/p).



Para a análise de dados utilizamos procedimentos indicados na metodologia Análise de Conteúdo de Laurence Bardin (2011).

A Análise de Conteúdo é composta por três etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. Na pré-análise, que é a etapa de organização da análise, definimos os textos a serem analisados.

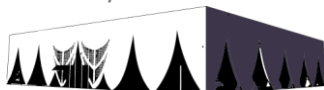
Na exploração do material, etapa de codificação da análise, identificamos unidades de significação, que são recortes dos textos que possuem relação com o objetivo da pesquisa.

No tratamento dos resultados, que é a etapa de categorização da análise, agrupamos unidades de significação em categorias temáticas, colocando em relevo informações significativas fornecidas para análise. Nesta etapa dá-se a transformação e o destaque das informações para análise, alcançando nas interpretações o momento da análise reflexiva e crítica (BARDIN, 2011).

Os textos selecionados para a análise de dados foram acessados por meio da página oficial do evento, nos anais publicados ao longo das edições, utilizando a palavra-chave “formal”, buscando localizar artigos cuja temática envolvesse a educação não-formal, tendo sido definidos para o estudo os artigos apresentados no quadro 1.

Quadro 1: Listagem dos artigos selecionados para a análise

Artigo 1	PACHECO, M. W. F.; ELIASQUEVICÍ, M. K. O pedagogo e a educação não-formal: novos cenários de atuação. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 6., 2019, Fortaleza. Anais [...]. Campina Grande: Editora Realize, 2019. p.1-16.
Artigo 2	SANTOS, A. S.; COSTA, I. A. S. Saberes docente em construção: percepções de professores de ciências sobre espaços não-formais. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 3., 2016, Natal. Anais [...]. Campina Grande: Editora Realize, 2016. p.1-12
Artigo 3	ARAÚJO, J. A.; NOIA, I. S.; ARAÚJO, M. J. A.; VERAS, J. D. G. A atuação do pedagogo no espaço não-escolar: o caso do Centro de Integração Empresa Escola – CIEE. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 3., 2016, Natal. Anais [...]. Campina Grande: Editora Realize, 2016. p. 1-12.
Artigo 4	SILVA, F. A.; MENEZES, I. T.; SILVA, M. T. ; OLIVEIRA, M. M. S. A atuação e o perfil do pedagogo no espaço não-escolar: formação de professores. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 3., 2016, Natal. Anais [...].



	Campina Grande: Editora Realize, 2016. p. 1-6.
Artigo 5	SANTOS, A. N. B.; DUQUE, G. B. T. Programa mais educação: relações entre espaços formais e não-formais de aprendizagem. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 3., 2016, Natal. Anais [...]. Campina Grande: Editora Realize, 2016. p. 1-11.

Fonte: Elaborado pelos autores.

3 RESULTADOS

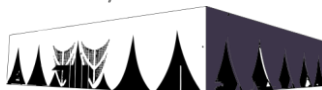
3.1. Síntese dos artigos analisados

Artigo 1

“O pedagogo e a educação não-formal: novos cenários de atuação” de Marcelo Wilson Ferreira Pacheco e Marianne Kogut Eliasquevicí, esboça a identificação e compreensão dos campos de atuação previstos legalmente ao profissional formado em pedagogia com enfoque na educação não-formal. O trabalho destaca a falta de formação do profissional em pedagogia para atuar em ambientes não-escolares no curso da Universidade Federal do Pará (UFPA), campus de Belém, salientando os possíveis campos de atuação do pedagogo na sociedade, em empresas, hospitais e meio social (PACHECO; ELIASQUEVICÍ, 2019).

Artigo 2

“Saberes docente em construção: percepções de professores de ciências sobre espaços não-formais” de Adriana de Souza Santos e Ivaneide Alves Soares da Costa, busca apresentar por meio de pesquisa qualitativa aplicada com questionário semiestruturado a professores de Ciências, do ensino fundamental da Rede Municipal de Ensino da cidade de Natal/RN, quais são os espaços não-formais de ensino, como eles são organizados para utilização, com qual frequência os professores e alunos têm acesso a estes espaços para aulas de Ciências, qual a finalidade, e se os professores levam seus alunos a estes espaços por planejarem



teoricamente as aulas ou se levam por experiências vivenciadas nestes locais (SANTOS; COSTA, 2016).

Artigo 3

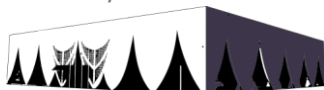
“A atuação do pedagogo no espaço não-escolar: o caso do Centro de Integração Empresa Escola – CIEE” de Janio Alexander de Araújo, Ítalo da Silva Noia, Maria Janine Alexandre de Araújo e Jacqueline Dantas Gurgel Veras, destaca por meio de pesquisa bibliográfica exploratória e pesquisa de campo, o fazer pedagógico em espaços não-escolares, como o CIEE de Mossoró/RN, quais os caminhos que o pedagogo pode trilhar dentro de uma empresa (ARAÚJO *et al.*, 2016).

Artigo 4

“A atuação e o perfil do pedagogo no espaço não-escolar: formação de professores” de Filycia Azevedo da Silva, Ismênia Tácita de Menezes, Mariana Tatiana da Silva e Merabe Maele dos Santos Oliveira, investiga o trabalho do pedagogo numa empresa, procurando traçar o perfil e atuação do pedagogo na mesma, comparando-os com as funções pertinentes em sala de aula (SILVA *et al.*, 2016).

Artigo 5

“Programa mais educação: relações entre espaços formais e não-formais de aprendizagem” de Adriana do Nascimento Barbosa dos Santos e Gisele Bastos Tavares Duque, enfatiza os limites e possibilidades da parceria entre escolas e outros espaços educativos tidos como espaços formais e não-formais de aprendizagem (SANTOS; DUQUE, 2016).



3.2. Análise dos artigos

No quadro 2, apresentamos uma síntese com as categorias levantadas a partir das análises dos artigos selecionados do evento CONEDU (quadro 1). As categorias foram levantadas com base na temática que se refere nosso trabalho, a educação não-formal, para tanto destacamos nos artigos trechos (unidades de significação) que permeiam a questão, os quais receberam numeração crescente, respeitando-se a ordem de ocorrência no texto. A ausência de numeração em determinadas categorias revela que não foram identificadas, nos documentos analisados, unidades de significação relacionadas à temática.

Quadro 2: Organização das unidades de significação em categorias

Artigos	1	2	3	4	5
Categorias					
1- Campos de atuação	1; 2; 3; 5; 7; 8; 9; 10; 11; 12; 13; 14; 15; 16; 17; 18; 19	4; 7; 8; 9; 10	1; 2; 3; 4; 5; 7; 8; 9	5	-
2-Espaços não-formais de ensino	6	1; 2; 5; 6	6	-	1; 2
3-Formação de professores	4	3; 11; 12	-	1; 2; 3; 4	-

Fonte: Elaborado pelos autores.

Como resultados, no artigo 1, identificamos 19 unidades de significação no total, sendo 17 agrupadas na categoria “1- Campos de atuação”, 1 na categoria “2- Espaços não-formais de ensino” e 1 na categoria “3- Formação de professores”; no artigo 2, 12 unidades, sendo 5 da categoria 1, 4 da categoria 2 e 3 da categoria 3; no artigo 3, 9 unidades, 8 da categoria 1 e 1 da categoria 2; no artigo 4, 5 unidades,



1 da categoria 1 e 4 da categoria 3; no artigo 5, 2 unidades, sendo as 2 da categoria 2.

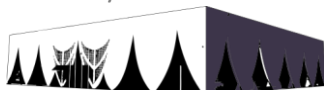
A seguir, as categorias são apresentadas, utilizando alguns excertos dos artigos, com a seguinte notação (Número do artigo, número da unidade de significado).

3.2.1. Categoria 1 – Campos de atuação

A Categoria 1 – Campos de atuação, esteve mais presente nas unidades de significação do artigo 1. Esta categoria trata a atuação docente, tendo como foco o pedagogo, não apenas no modelo único de educação em que a escola é o centro, mas em práticas educativas não-formais, em ambientes não-escolares, possibilitando ao pedagogo múltiplas possibilidades de atuação profissional, amparadas pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) e pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para Cursos de Pedagogia (DCNCP). O trecho a seguir destaca que “[...] a polaridade da sua atuação em ambas as esferas da Educação deve-se à pluralidade de espaços onde se materializam os processos de ensino e aprendizagem” (PACHECO; ELIASQUEVICÍ, 2019, p. 2).

Na Lei de Diretrizes e Bases (LDB) está previsto que: “Art. 1º A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais” (BRASIL citado por PACHECO; ELIASQUEVICI, 2019, p. 2).

Na maioria das vezes a prática não anda de acordo com o que está assegurado pelas leis, no entanto é preciso “[...] orientar a atuação dos egressos dos cursos de Pedagogia, tanto na educação formal quanto na não-formal” (PACHECO; ELIASQUEVICÍ, 2019, p. 2), dar a estes estudantes conhecimentos necessários das possibilidades da atuação pedagógica além da sala de aula, visto que é preciso pensar na formação deste profissional e em quais espaços é possível



acessar. É fundamental “[...] analisar com rigor as características e particularidades de cada campo de atuação do pedagogo, especialmente os da Educação Não-Formal, uma vez que nem sempre é dada a devida atenção a esta área nos cursos de graduação em Pedagogia” (PACHECO; ELIASQUEVICÍ, 2019, p. 12), sendo a atenção voltada, quase que exclusivamente, à atuação em sala de aula.

Reduzir o curso de licenciatura, em especial o de Pedagogia apenas a prática sala de aula, é limitar esse mesmo profissional de suas capacidades e competências pré-desenvolvida já em sala de aula, uma vez sua experiência cotidiana, mais as teorias adquiridas na academia facilitarão nesse processo de ensino aprendizagem e conseqüentemente na desenvoltura de suas competências e habilidades. Um professor competente demonstra a habilidade de expressão e de questionamento enquanto interage com seus alunos (ARAÚJO *et al.*, 2016, p. 1).

A educação não-formal permite ao pedagogo atuar em diferentes campos, compreendendo as particularidades e limitações de diferentes esferas da ação educativa, como na Pedagogia Empresarial, Hospitalar e Social (Artigo 1, unidades 8 e 18; Artigo 3, unidade 5), o que propicia a este profissional exercer seu pensamento crítico, político, científico sua afetividade, conhecimentos e práticas além da sala de aula, com trabalho de equipe, planejamento e formação pessoal adequada para lidar com as situações de diferentes segmentos do exercício.

Na Pedagogia Empresarial, na perspectiva da educação não-formal, está designada ao pedagogo a função de formar e capacitar profissionais para o mercado de trabalho (Artigo 1, unidade 10), tendo como objetivo desenvolver habilidades e competências fundamentais para o exercício do colaborador na empresa, independente da função. Essa concepção de que o pedagogo seja um profissional qualificado para a capacitação das demandas do mercado de trabalho surge no início da década de 1930 a partir do desenvolvimento industrial, que

Ao longo dos anos fortaleceu-se a ideia de que as empresas precisavam investir mais em seu departamento de Recursos Humanos. Sendo assim, passaram a dar maior atenção e investir não somente na seleção de bons profissionais, mas também, no treinamento e capacitação destes sujeitos,



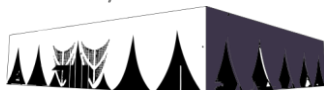
paralelamente a sua atração ativa nas organizações (PACHECO; ELIASQUEVICÍ, 2019, p. 6).

Neste sentido foi necessário que o Departamento de Recursos Humanos se adaptasse às demandas impostas, agregando em seu quadro de pessoal profissionais que contribuíssem para suprir as demandas do mercado, colaborador da área de administração, pedagogia e psicologia, possibilitando conhecimentos necessários para um melhor desenvolvimento, cabendo ao pedagogo a realização das seguintes funções: “[...] consultoria pedagógica, coordenação de ações culturais, treinamento e desenvolvimento, educação continuada; educação a distância; tecnologia educacional; *outplacement*, *coaching* e orientação educacional” (PACHECO; ELIASQUEVICÍ, 2019, p. 7).

Outplacement é o trabalho pedagógico voltado para o auxílio e mediação dos processos de integração, reintegração e substituição dos funcionários e o *coaching* é o conselheiro de carreira, voltado para o desenvolvimento pessoal e formação de liderança, ou seja, o pedagogo é aquele que visa os processos de planejamento, capacitação, atualização e treinamento, com o objetivo de atuar junto com a empresa “[...] enriquecendo as estratégias de ensino, de maneira didática, com qualidade, de forma motivadora, visando o desenvolvimento de cada indivíduo em seus aspectos profissional e pessoal” (ARAÚJO *et al.*, 2016, p. 8).

No campo da Pedagogia Hospitalar, o trabalho do pedagogo está caracterizado nas práticas formais e não-formais, se dá em prol do desenvolvimento acadêmico do indivíduo doente, no processo de tratamento e cura, surge para contribuir na vida do paciente para que mesmo diante de tratamentos médicos em ambiente hospitalar não fique afastado da escola.

A Pedagogia Hospitalar é um novo caminho que está sendo construído pelos profissionais da Educação. Ela surgiu para suprir as necessidades de crianças que passavam muito tempo hospitalizadas e acabavam tendo prejuízos na aprendizagem escolar ou até mesmo perdendo o ano letivo (CARDOSO; SILVA; SANTOS citados por PACHECO; ELIASQUEVICÍ, 2019, p. 8).



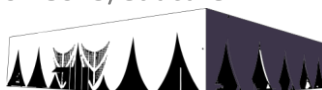
O pedagogo no campo hospitalar está atuando na formação do indivíduo em sua socialização, lazer, aprendizado, desenvolvimento e auxiliando em sua recuperação clínica em diversos aspectos. Podendo este trabalhar em classes hospitalares ou em outros ambientes dentro deste espaço como atendimentos em leitos, atendimento pedagógico domiciliar e brinquedoteca, sendo um profissional atento, flexível, afetivo, ético, que tenha controle emocional, respeito e carinho.

É importante que o pedagogo tenha um conhecimento prévio ao tratamento que o indivíduo se submete, para que por meio de ações lúdicas contribua em todo processo e torne o tratamento mais leve, proporcionando ao sujeito segurança, tranquilidade e conhecimento perante seu quadro clínico, para isso se faz necessário que o pedagogo tenha uma formação específica com o intuito de contribuir em todas as necessidades e particularidades que compete ao ambiente hospitalar.

Outra possibilidade de atuação do pedagogo é na Pedagogia Social, na qual o objetivo é melhorar as relações humanas e sociais, em que o educador “[...] irá intervir sobre uma realidade específica do grupo social, buscando, sobretudo, a diminuição das desigualdades e a promoção do desenvolvimento humano, por meio da Educação” (PACHECO; ELIASQUEVICÍ, 2019, p. 9). A prática pedagógica é voltada para indivíduos e grupos que estão em vulnerabilidade e desigualdade social.

Pacheco e Eliasquevicí (2019) destacam por meio de Caliman, Cofferi e Nogaro, como o pedagogo atuará e em quais ambientes:

[...] o profissional irá atuar na Pedagogia Social, por meio da realização de ações sistemáticas, voltadas para a superação da condição de marginalidade dos indivíduos mais necessitados. Essas práticas se materializam por meio de organizações da sociedade civil e outros ambientes da Educação Não-formal, tais como: associações, clubes, obras sociais, ONGs, abrigos, centros comunitários e demais espaços socioeducativos (p. 10).

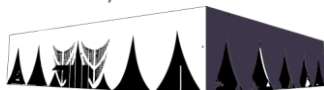


O trabalho do pedagogo dará ênfase na formação do indivíduo fazendo um trabalho preventivo e corretivo. O trabalho preventivo seria possibilitar ao indivíduo, em razão da realidade excludente vivenciado por ele, um empoderamento com a finalidade de enfrentar diversas situações do dia a dia, ter um posicionamento perante o grupo social do qual pertence, ter entendimento e garantia de direitos. Na ótica corretiva, o papel do pedagogo é ser um sujeito de ação diante da situação de negação de direitos, sejam eles individuais, coletivos ou familiares, em pontos mais carecidos como: saúde, alfabetização, autoconstrução, formação cidadã, psicossocial, atenção alimentar, organização comunitária, formação profissional, formação cultural e outros (PACHECO; ELIASQUEVICÍ, 2019).

Deste modo é indispensável pensarmos o quanto a formação do pedagogo contribui para que possa atuar em diversos campos, além dos aqui destacados, cada um com suas particularidades e possibilidades, necessitando por vezes de formação continuada e específica de cada área (Artigo 2, unidades 7 e 10). É importante que o pedagogo reconheça a influência do seu trabalho nos processos formativos, na construção de uma sociedade democrática de direitos, na formação do pensamento crítico, na formação cultural e na vivência individual e coletiva.

3.2.2. Categoria 2 – Espaços de ensino não-formais

Gohn (2006) afirma que são espaços fora das escolas, locais informais em que há processos interativos intencionais, ou seja, locais de compartilhamento de experiências e ações coletivas, como museus, centros de ciências, zoológicos, parques, clubes, associações, abrigos, centros comunitários, brinquedoteca, centros hospitalares, empresas, centros de mídias, que possibilitam a aprendizagem técnica, teórica, científica, política, linguística, econômica, cultural e reflexiva.



Os espaços não-formais de ensino podem ser considerados como espaços complementares às atividades escolares, atuando em conjunto com a escola em campos específicos de aprendizagem (Artigo 2, unidades 2 e 6; Artigo 5, unidade 2).

Para que haja um bom aproveitamento das idas nestes espaços é importante que o professor realize um trabalho anterior e posterior à visita, estabelecendo vínculos à aprendizagem. É necessário que o professor também esteja preparado para a visitação e estabeleça uma postura participativa e crítica, em um processo dialógico.

De acordo com Souza, citado por Santos e Costa (2016), o docente deve buscar “[...] o desenvolvimento de práticas que contemplem tanto o conteúdo como o processo de aprendizagem onde os conhecimentos prévios, as vivências, experiências e a curiosidade dos estudantes, sejam valorizados” (p. 7).

3.2.3. Categoria 3 – Formação de professores

A formação continuada e específica a cada campo de atuação é algo fundamental, pois a formação docente é quase totalmente voltada para a prática da educação formal. Nos artigos encontrados os autores dão ênfase à necessidade da formação continuada, uma vez que

É importante que o professor tenha uma formação pratico-reflexiva em sua prática, como forma de imergir discussões teóricas e novos conceitos acerca de sua formação, como uma análise, compreensão, interpretação e observação sobre a realidade, visto que o pedagogo tem a capacidade de gerar conhecimentos pedagógicos por meio da prática educativa (SILVA *et al.*, 2016, p. 4).

É indispensável que o professor tenha uma boa preparação na formação inicial e continuada para que exerça sempre uma postura questionadora, dedicada à pesquisa, à reflexão da prática, uma formação que possibilite atuar em diferentes



campos de educação não-escolar, visto que há uma desigualdade “[...] considerando a oferta de disciplinas voltadas para estes dois campos de atuação” (PACHECO; ELIASQUEVICÍ, 2019, p. 3). A maioria dos cursos é voltada quase que exclusivamente à escola como *locus* de atuação docente. Há uma falta de formação aos professores para que estes compreendam as “[...] possibilidades de ampliação cultural que os ENFE [Espaços Não-Formais de Ensino] oferecem aos alunos” (SANTOS; COSTA, 2016, p. 11) e quanto essa formação é importante, pois

Não podemos ignorar a importância da preparação dos professores na formação inicial e continuada em relação a utilização de ENFE, e sobre abordagens didáticas diferenciadas possíveis de serem realizadas nestes espaços, a fim de que os docentes saibam utilizar os ENFE de acordo com seu amplo objetivo (SANTOS; COSTA, 2016, p. 11).

É imprescindível que o docente que atua em sala de aula possibilite aos seus alunos acesso aos espaços não-formais e reconheça o quanto esses espaços podem trazer de conhecimento teórico, cultural, tecnológico, experiências e diferentes formas de aprendizagem. Afinal, “[...] a formação continuada é um dos pressupostos necessários para que ocorra um bom desenvolvimento dessa profissão em todo seu contexto, seja ele na escola ou em ambientes não escolares” (SILVA *et al.*, 2016, p. 1).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a análise das publicações foi possível compreender que a educação não-formal: 1) foi associada à atuação do pedagogo, o que permite a ampliação da atuação a diversos campos além da escola, como: empresarial, hospitalar e social; 2) pode ocorrer em espaços não formais, como em passeios em locais históricos, museus, visitas em bibliotecas; 3) a formação continuada é fundamental para a valorização de espaços e práticas não-formais de ensino.



É possível considerar que o levantamento dos artigos trouxe contribuições para o entendimento da temática estudada, contudo, mostrou limites relacionados à educação não-formal quando vista no âmbito da área da Educação. A identificação de somente 5 artigos diretamente ligados à educação não-formal em um evento com diversas publicações demonstra a invisibilidade do tema no âmbito da formação de professores, sendo necessário especificá-la aos educadores, definir mais claramente as suas funções e objetivos, metodologias a serem aplicadas no cotidiano, métodos avaliativos para analisar o que vem sendo realizado, e um “[...] mapeamento das formas de educação não-formal na autoaprendizagem dos cidadãos (principalmente jovens)” (GOHN, 2006, p. 31).

Em estudos futuros, a ampliação do critério de seleção para outros eventos da área de Educação e demais áreas pode contribuir para um maior entendimento de como a educação não-formal vem sendo praticada, pois certamente há muito que se aprender e discutir sobre as potencialidades da educação não-formal.

REFERÊNCIAS

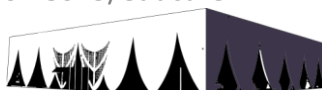
ARAÚJO, J. A.; NOIA, I. S.; ARAÚJO, M. J. A.; VERAS, J. D. G. A atuação do pedagogo no espaço não-escolar: o caso do Centro de Integração Empresa Escola – CIEE. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 3., 2016, Natal. **Anais** [...]. Campina Grande: Editora Realize, 2016. p. 1-12.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

CONEDU. **Sobre o evento**. 2014. Disponível em: <https://edicoes.conedu.com.br/2014/sobre.php>. Acesso em: 11 nov. 2021.

GOHN, M. G. Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio**: avaliação das políticas públicas de educação, v. 14, n. 50, p. 27-38, 2006.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.



PACHECO, M. W. F.; ELIASQUEVICÍ, M. K. O pedagogo e a educação não-formal: novos cenários de atuação. *In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 6., 2019, Fortaleza. Anais [...].* Campina Grande: Editora Realize, 2019, p. 1-16.

SANTOS, A. N. B.; DUQUE, G. B. T. Programa mais educação: relações entre espaços formais e não-formais de aprendizagem. *In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 3., 2016, Natal. Anais [...].* Campina Grande: Editora Realize, 2016. p. 1-11.

SANTOS, A. S.; COSTA, I. A. S. Saberes docente em construção: percepções de professores de ciências sobre espaços não-formais. *In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 3., 2016, Natal. Anais [...].* Campina Grande: Editora Realize, 2016. p. 1-12.

SILVA, F. A.; MENEZES, I. T.; SILVA, M. T.; OLIVEIRA, M. M. S. A atuação e o perfil do pedagogo no espaço não-escolar: formação de professores. *In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 3., 2016, Natal. Anais [...].* Campina Grande: Editora Realize, p. 1-6, 2016.

Recebido em: 17-12-2021

Aceito em: 26-09-2022

